

A SOCIEDADE DA TECNOLOGIA CONTROLADA PELA REDE E A CRIAÇÃO DE MECANISMO DE LETRAMENTO DIGITAL COMO FORMA DE ROMPER ESTE CONTROLE

Pedro Paulo dos Santos LEAL¹

Acadêmico mestrando do Programa de Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura – UNAMA/ 2011

Endereço eletrônico: pedrexbel@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo vai abordar sobre o surgimento da máquina de escrever, que foi um dos grandes acontecimentos no início do século passado, foi o primeiro passo para substituir as canetas bico de pena, mas houve muita resistência, porque as pessoas não queriam deixar de escrever a mão. O texto vai abordar também assuntos referentes a atualidade em que vivemos. Uma sociedade que utiliza cada vez mais a tecnologia seja para resolver problemas do dia a dia, ou para controle do governo. O artigo tem como objetivo também, descrever como a tecnologia vem submetendo as pessoas a mudança de comportamento e atitude. Para tratar as questões de memória sobre este período de desenvolvimento tecnológico utilizaremos Halbwach e sobre assuntos referentes ao controle tecnológico feito pelo estado e por outras instituições sobre as pessoas, vamos fazer uso das obras de Michael Foucault e Castella. Ainda neste trabalho utilizaremos outros autores para destacar como algumas sociedades rompem este controle através do letramento digital, que possibilita mas uma alternativa para denunciar suas mazelas, divulgar suas cultura, e produzir verdades sobre estas sociedades.

Palavras-chaves: Sociedade; Rede; Tecnologia; Letramento Digital.

1 - Introdução

Outro aspecto que desmistifica a partilha compartilhada do poder na rede, diz respeito aos níveis de letramento destes usuários. Não existe recepção ativa, quando as condições de posicionamentos críticos são inexistentes ou limitadas. Esta cidadania democrática e universal proposta pela web 2.0 só poderá ser exercida por quem, de fato, tenha condições de participar ativamente, criando novidades. Não há recepção ativa diante de usuários que só repetem o que encontram no universo digital.

(Hellen Monarcha e Ivânia Neves)

Segundo Nelson Cadena (2008), em fevereiro de 1912 a imprensa brasileira começou a adquirir máquinas de escrever e a introdução destas máquinas de ferro foi o primeiro passo para substituir as canetas bico de pena. As máquinas de ferro, com o teclado de digitar, já eram realidade nas repartições públicas, escritórios de advocacia. Os veículos de propaganda da época apostavam na venda das máquinas de escrever pela praticidade de escrever cartas e preencher documentos de forma elegante e prática. Mas, o uso desses “incômodos” aparelhos de ferro nas redações não era cogitado. É desconcertante imaginar que a tecnologia da máquina de escrever tenha demorado tanto a ser assimilada pelas redações, considerando que o seu uso efetivamente foi popularizado no final da década de 20. Afinal, o invento estava disponível no país, desde a última década do século XIX e o teclado “infernal” que assustava os jornalistas com a sua incompreensível combinação de letras.

¹ Acadêmico mestrando do Programa de Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura – UNAMA/ 2011. Bolsista CAPES, pelo Projeto "Nas Fronteiras das Narrativas Oraís Tupi na Amazônia Paraense: Performatividade, História e Tradução. Endereço eletrônico: pedrexbel@yahoo.com.br

Para os profissionais da época, deixar de escrever à mão era sinônimo de ter que aprender outra técnica, a datilografia. Pouco tempo depois, a máquina de escrever já era umas das principais ferramentas de trabalho dentro de quase todas instituições. Esta mudança de ferramenta de trabalho introduziu um novo momento na escrita e na produção de documentos, é inquestionável que a máquina de escrever faz parte da lembrança das gerações que viveram esses momentos. Esta questão referente à memória faz referência aquilo que Duvignaud escreveu no prefácio do livro *Memória Coletiva* (HALBWACHS, 2006, p. 13):

Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, é da combinação desses diversos elementos é que pode emergir aquela forma que chamamos lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem.

Assim, a consciência jamais está encerrada em si mesma, não é vazia e nem solitária. Somos arrastado em numerosas direções, como se a lembrança fosse uma baliza que permitisse nos situarmos em meio da variação constante dos contextos sociais e das experiências coletiva histórica.

As instituições governamentais nos anos 1980 tinham como meio de trabalho e de interatividade, a máquina de escrever. Quem possuía uma em casa para o seu uso pessoal era um privilegiado. Saber datilografia era sinônimo de emprego certo, provavelmente nos escritórios e nos bancos. Nas escolas, a tecnologia mais avançada era a máquina de escrever. Ainda hoje quando retornamos a algumas destas instituições, ainda encontramos a máquina de escrever, mas agora ela representa uma tecnologia do passado.

Sem dúvida, a máquina de escrever faz parte da nossa memória coletiva, como podemos observar na seguinte colocação:

Assim quando voltamos a uma cidade em que já havíamos estado, o que percebemos nos ajuda a reconstituir de que muitas partes foram esquecidas. Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente. E como se estivéssemos diante de muitos testemunhos. Podemos reconstruir um conjunto de lembranças de maneira a reconhecê-lo porque eles concordam no essencial, apesar de certas divergências. (HALBWACHS: 2006, p. 29).

Na década de 1950, os computadores eram pouco mais que raridades curiosas e quase inexistentes no Brasil. Seus usuários contavam-se nos dedos. Os computadores ocupavam um andar inteiro das empresas e sua capacidade de armazenamento e processamento eram bastante pequenas. Eram grandes máquinas exibidas em uma redoma de vidro e levava-se mais de cinco minutos para procurar uma informação. Na década de 1960, os computadores já não eram tão raros e começaram a ser cada vez mais necessários na vida das grandes empresas, órgãos do governo federal e universidades. Ao mesmo tempo, tornavam-se símbolo de status, sendo exibidos com orgulho nas salas envidraçadas dos Centros de Processamento de Dados (CPDs).

Com o passar dos anos, o uso dos computadores foi se popularizando e se dinamizou com o surgimento da internet, fazendo com que surgisse a “sociedade da informação”. Com a explosão do uso da internet no final dos anos 90, a web passou a encurtar distancias e a aproximar pessoas como se nunca se viu na história da humanidade. Estas máquinas representam um dos elementos de mais sucesso da globalização.

Segundo Dimenstein (2005), A internet surgiu na década de 1960 a pedido do ministro de defesa dos Estados Unidos, que desejava um meio para transmitir documentos e informações que não fossem centralizadas e, portanto não pudesse ser facilmente destruído ou

sabotado pelo arquiinimigo soviético. No início, foi utilizada somente pelos cientistas de algumas grandes universidades. Poucas décadas depois, os computadores chegaram a usuários de todos os tipos e sua abrangência vai além da troca de informações técnicas e científicas e ocupa espaço de mediação a longa distância relacionados a jogos, namoro e compra de produtos, entre outros.

Analisando a dinâmica dos games, afirma Dimenstein (2005, p. 9):

Imagine-se um desses games de computador em que, a cada fase ultrapassada, os obstáculos ficam mais velozes. Para não ser derrotado, o jogador terá de ser mais atento e ágil, adaptando-se aos desafios. Esse tipo de brincadeira tão comum, é exatamente a reprodução das regras da chamada sociedade da informação, na qual estamos todos, queiramos ou não envolvidos. Nunca se produziu tanta informação em tão pouco tempo, seja pelas descobertas tecnológicas – a internet e os microprocessadores cada vez mais velozes, seja pela globalização. Muda o jeito como as pessoas compram e vendem, divertem-se, acompanham a notícia ou cuidam da saúde.

A internet possibilitou também, a produção e divulgação de muito conhecimento em pouco tempo, o que gerou a era do aprendizado permanente, o indivíduo necessita e está conectado para se manter atualizado. Tem que estar reciclando o seu conhecimento permanentemente,

2 - O Desenvolvimento da Rede

O mundo interior e a reflexão que cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc. (...) Na realidade, toda a palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que precede de alguém, como pelo fato de que sdirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda a palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma ponta de lança entre mim e o outros. Se ela apóia-se sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o outro.

(Mikail Bakhtin)

Atualmente, as tecnologias da informação e comunicação, com suas mídias digitais e a internet assumiram grande importância dentro do funcionamento das empresas, representam um dos principais meios de divulgação do conhecimento e servem meio de relacionamento, contribuindo para construção de uma nova realidade, a virtual. As pessoas que tem acesso à internet passaram a incorporar em suas práticas sociais esta multiplicidade de serviços ofertados pela evolução tecnológica. Neste novo momento, gerado pelo desenvolvimento da rede de computadores, é necessário estar em constante aprendizado, haja vista que as linguagens e o conhecimento tecnológico se tornam rapidamente ultrapassados. Além disso, a escola deixou de ser o local preferencial e quase exclusivo de aprendizado. O que agora se observa é que a informação e o conhecimento transitam pelos mais diferentes lugares seja no carro, na internet, pelo celular ou em uma viagem de avião.

Aprendizagem permanente trata-se de um conceito de mercado de trabalho de corrente dos constantes avanços em áreas como computação, engenharia genética, administração, que provocam o rápido envelhecimento dos conhecimentos técnicos. Até a década de 1980, as universidades eram vista como local de instrução definitiva, exatamente como na época em que foram criadas: quem recebia treinamento em medicina na escola de Salerno (Itália), o primeiro centro de estudo do século XIX, a conquistar fama em toda a Europa, era considerado suficientemente para ser médico em qualquer corte real, sem jamais ter que rever os seus conhecimentos. Hoje o profissional que não se mantém atualizado corre o risco de se ver defasado poucos anos depois de formados, necessitando adotar o hábito da aprendizagem para poder acompanhar as transformações do mercado. (DIMENSTEIN: 2005, p. 10)

É possível pensar que a internet hoje funciona como um sistema panóptico, controlada pelo governo e pelas redes sociais. O governo e as grandes empresas acabam sabendo de todos os dados da população e tem acesso a todas as atividades financeiras, escolar, previdenciária da população. Outro aspecto panóptico bastante fortalecido pelas novas tecnologias digitais se traduz nos sistemas de controle e vigilância feitos por câmeras, que captam passo a passo do indivíduo. Onde quer que seja o local de acesso que a pessoa esteja, o seu comportamento na rede, que hoje, inclusive, vai além dos computadores está sendo observado.

Segundo Foucault (1987, p. 166), essa vigilância se define da seguinte maneira:

O dispositivo Panóptico organiza unidades especiais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é investido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade de uma armadilha.

A sociedade está conectada em uma grande rede controlada pelo governo, é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação de todos os cidadãos a partir de cadastros armazenado nos nós dessas redes. Os nós dessa rede seriam os grandes bancos de dados, tanto em caracteres ou como imagens armazenadas pelos circuitos e pelas câmeras espalhada por esta rede. Através desse sistema operativo do poder o indivíduo está sendo sempre vigiado uma vez que um dos objetivos é disciplinar o seu comportamento.

Segundo Foucault (1997), O conceito de disciplina é, definido pelas técnicas de controle e sujeição do corpo com o objetivo de tornar o indivíduo dócil e útil, capaz de fazer o que queremos e de operar como queremos, representa uma teoria materialista da ideologia nas sociedades capitalistas, implementada com o objetivo de separar o poder do sujeito sobre a capacidade produtiva do corpo.

Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder

independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder em que eles mesmos são os portadores. Para isso, é ao mesmo tempo excessivo e muito pouco que o prisioneiro seja observado sem cessar por um vigia: muito pouco, pois o essencial é que ele se saiba vigiado; excessivo, porque ele não tem necessidade de ser efetivamente. (FOUCAULT: 1987, p. 166,167).

Neste aspecto levantado anteriormente do controle do governo sobre a sociedade através da rede tecnológica, é importante destacar que existem mecanismos como o letramento digital que possibilitam algumas sociedades a utilizarem a tecnologia em seu benefício rompendo, mesmo que momentaneamente, este controle.

O momento atual em que se vive cercado de emaranhados tecnológicos, de cunho computacional que adentra a realidade diária e controla as atividades das pessoas, tem se intensificado diariamente. Ela exclui os que se encontram desatualizados e os obrigam a procurarem a reinserção em um ambiente constituído de grandes novidades tecnológicas que as tornam dependentes diretos dessa revolução técnico-científico-informacional, como podemos observar na colocação de Castells (1999, p. 93):

A globalização e a informacionalização, determinadas pelas redes de riqueza, tecnologia e poder, estão transformando nosso mundo, possibilitando a melhoria de nossa capacidade produtiva, criatividade cultural e potencial de comunicação. Ao mesmo tempo, estão privando as sociedades de direitos políticos e privilégios.

A tecnologia potencializa as habilidades humanas nas diversas áreas do conhecimento, desde que o indivíduo saiba utilizá-la adequadamente como ferramenta de construção do saber para resolver algum problema do cotidiano.

A tecnologia renova-se a cada dia, é o celular que ganha repercussão no modo de vida das pessoas, a comunicação rápida e fácil, relógio, e-mail, máquina fotográfica, despertador, câmera, rádio, televisão, ou seja, o “novo” condensando o “velho”, o que se conhecia desde as décadas passadas. A portabilidade ganhou primazia no meio social e a computação prioridade no cotidiano das pessoas.

O mercado de trabalho exige ao mínimo um curso de computação. Saber conduzir o computador é essencial hoje, tal qual dirigir um carro ou jogar em um vídeo-game, ambas as máquinas possui um grande aparato tecnológico por trás. Neste contexto de acesso ao computador é que se entra no âmbito do Letramento Digital, pois a cada momento surge uma nova tecnologia sem ao menos o domínio completo da anterior.

A forma de reverter o quadro da exclusão digital se dará a partir do momento em que se traçar um projeto que contemple as pessoas que desejam conhecer essa tecnologia, projeto este que dará suporte para o ensino-aprendizagem dos envolvidos, correspondendo de maneira direta o perfil do interessado, que será contemplado com um projeto dinâmico e modulável de acordo com o que lhe for interessante. A criação de novas formas de escrita, leitura, relacionamento e pesquisa, são essenciais para a inserção do cidadão no mundo tecnológico, com tanta diversidade de opções de comunicação e suas funcionalidades.

3 - Desenvolvendo o Letramento Digital

As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e a escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e escrita, não necessariamente adquirem competências para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita. Não lêem livros,

jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento.
(Magda Soares)

O Letramento Digital está ligado à organização de entender a informação contida em variadas mídias e tornar este conteúdo em ferramenta para resolver problemas do dia a dia como podemos observar na colocação de Martins & Silva (2004, p. 12):

Diz-se que estamos na “sociedade da informação” na “sociedade da comunicação” ou na “sociedade do conhecimento”. Refuto. Estamos em sociedade de informação, de comunicação e de conhecimento. Claro que estamos em sociedades de informação até do ponto de vista físico, da teoria da informação, basta pensar nas tecnologias digitais (DVD, televisão digital, etc.), que são aplicações da teoria da informação. Mas a informação, mesmo no sentido jornalístico da palavra, não é conhecimento, pois o conhecimento é o resultado da organização da informação.

O Letramento Digital é a capacidade de integrar, incorporar o conhecimento do mundo virtual na vida cotidiana das pessoas. Muito tem se falado que a internet é o “inferno” promove violência e a delinquência, mas isso sempre existiu esses discursos, tiram de foco os reais causadores destes problemas, que são: a política, a situação social e educacional do país. Estes ecos também já foram difundidos durante a explosão do cinema, do rádio e da televisão, como destaca Martins & Silva (2004, p. 13):

Nos Estados Unidos, nos anos trinta do ano passado, havia uma grande inquietação: imaginava-se que o cinema estimulava a “infração social”. Depois, passou-se a fazer a mesma acusação com a televisão. Enfim, concepção totalmente vulgar do marxismo, embora sustentada por autores como Marcuse, defendeu que a mídia favorecia alienação de trabalhadores, impedindo-os de tomar consciência dos seus próprios problemas.

A difusão da tecnologia digital possibilitou a democratização da informação, emitidas pelos intelectuais e pelas instituições de ensino, antes diminuída pelo espaço da televisão. A internet fez com que o centro cultural do mundo mudasse e se tornasse plural, basta estar conectado de qualquer lugar do globo e ter acesso às mais variadas informações seja ela econômica, políticas, culturais e podendo interagir com elas.

As ferramentas propostas pelo Letramento Digital possibilitam os indivíduos conhecimentos de forma que eles possam ser sujeitos de seu tempo, de sua cultura, com possibilidade de difundir as suas manifestações para todo o globo através do meio digital como a internet. É importante destacar que “O centro desta esfera não se encontra em nenhum lugar, sua circunferência está em todo lugar, e cada um de um de seus elementos está relacionado com todos os demais. Este imenso e único” universo “é uma espécie de reificação dinâmica do contexto cultural humano global”, (Levy, 2004, p. 166), como podemos observar, a importância da internet na mudança da centralização da informação, na colocação de Martins & Silva (2004, p. 151):

Para uma geração, é uma possibilidade de emancipação que se abre, é o meio de se distanciar das gerações precedentes que, da informática à telecomunicações e à explosão do audiovisual, davam sentido de ter monopolizado o progresso técnico. Aqui a história se refaz distribuindo as cartas, transcendendo a rigidez geográfica, rompendo o isolamento e mesmo instituindo novas bases de solidariedade entre os indivíduos, o Norte e o Sul.

Entrar no letramento digital é participar de um universo de signos, ou seja, de imagens, de sons, de dados informáticos e através destes interagir com o mundo físico, ainda segundo as autoras acima:

Quando entramos no ciberespaço, todas as formas semióticas se tornaram onipresentes. Se elas estão em algum lugar, elas estão em todos os lugares. Adicionalmente, agora, a escrita tem não só uma memória independente, um sistema autônomo de reprodução e onipresente virtual, mas também uma capacidade autônoma de ação. (MARTINS & SILVA 2004, p. 162)

A internet é hoje um dos principais itens do Letramento Digital, onde se encontram os mais variados discursos, as mais variadas idéias, além de ser um meio condensador das mais variadas mídias, ou seja, o Letramento Digital está ligado intimamente ao conceito de ciberespaço, uma vez que, “apóia muitas tecnologias intelectuais que desenvolvem a memória (através da base de dados, hiperdocumentos, web), a imaginação (através de simulações visuais interativas), raciocínio (através da inteligência artificial, sistemas especialista simulações), percepção (através de imagens computadas de dados e telepresença generalizada) e criação (palavras, imagens, músicas e processadores de espaço virtuais)”, como podemos verificar na colocação de Levy (2004, p. 165), em que define o ciberespaço:

O ciberespaço integra todas as mídias anteriores, como a escrita, o alfabeto, a imprensa, o telefone, o cinema, o rádio, a televisão e, adicionalmente, todas as melhorias da comunicação, todos os mecanismos que foram projetados até agora para criar e reproduzir signos. O ciberespaço não é um meio, é um metameio.

É importante destacar também a colocação de Cecília Goulart (2005) onde ela aborda que a informática trouxe novas possibilidades de se comunicar e novas práticas de discurso através de múltiplos signos e sentidos produzidos pelas imagens, pelos textos dos links e hiperlinks geradas na tela do computador. Como podemos observar na colocação de Bakhtin:

Os feixes de sentidos que convivem nas palavras se constroem, dialogam e disputam espaço, instaurando-as como signos ideológicos. No movimento dos sujeitos nas infindáveis situações de enunciação, os signos ideológicos. Nos movimentos dos sujeitos nas infindáveis situações de enunciação, os signos / as palavras, pelo seu caráter vivo, polissêmico e ideologicamente opaco, tem sua significação determinada pelos contextos em que são produzidas. O diálogo é condição fundamental para conceber a linguagem. A verdadeira substância da língua portanto, é constituída pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou das enunciações (Bakhtin, 1988, p. 123).

Segundo a autora de Cecília Goulart (2005, p. 33), o “mundo digital é recheado de signos e de múltiplos sentidos, o contato com a tecnologia em nosso cotidiano é muito forte, estes contatos estão ligados a nossa família, ao grupo social que pertencemos e as nossas experiências no mundo atual”. As possibilidades que se constroem no interior das imagens geradas por esse processo digital trazido pelo computador ou das esferas sociais em que esses signos são produzidos. “Não é uma questão simplesmente de vocabulário, mas de conhecimento de outras possibilidades de significação das palavras, condicionadas pelos contextos organizados em que são utilizadas”.

Os gêneros do discurso são um repertório aberto e heterogêneo de formas de enunciados que vão organizando, ao longo do tempo histórico, relacionados a determinado conteúdo e situações sociais. Mesmo a seleção de uma palavra, durante a elaboração de certo enunciado por um sujeito, passa por outros enunciados ouvidos/lidos que, na maioria das vezes são aparentados à especificidade do gênero que está sendo utilizado (BAKHTIN, 1992, p. 311).

4 - O funcionamento da implantação nas Escolas do Letramento Digital

Uma das formas de se chegar a uma prática do letramento digital é envolver toda a comunidade e discutir qual a demanda e a necessidade deste grupo em relação à informática e as suas possibilidades. Depois de definido o objetivo que se quer chegar com o letramento digital se faz necessário desenvolver atividades pedagógicas e estratégias educativas baseadas nas tecnologias da informação e comunicação.

O Letramento Digital requer uma discussão que aborde questões de aspecto teórico, domínio de aspecto técnico da informática para que possibilite a elaboração de novos conhecimentos que possam ser passados para outros indivíduos, que reivindique ter acesso e fazer uso deste processo digital como sujeito ativo da tecnologia.

A apropriação da tecnologia através do Letramento Digital é uma alternativa para o processo educacional utilizando a realidade dos alunos e os conhecimentos que eles têm sobre o mundo digital, usando este conteúdo como reflexão para se fazer um planejamento pedagógico com objetivo de que estas práticas digitais venham ser aplicadas para resolver algum tipo de problema na sociedade, como podemos ver na colocação de Valente (2003, p. 22):

Primeiro, o domínio do técnico e do educacional não deve acontecer de modo estanque, um separado do outro. É irrealista pensar em primeiro ser um *expert* em informática para depois tirar proveito desses conhecimentos nas atividades pedagógicas. O melhor é quando os conhecimentos técnicos e pedagógicos crescem juntos, simultaneamente, em demanda nas idéias do outro. O domínio das técnicas acontece por necessidades e exigências do pedagógico e novas possibilidades técnicas criam novas aberturas para o pedagógico, constituindo uma verdadeira espiral ascendente na sua complexidade técnica e pedagógica.

É importante destacar que, o Letramento Digital vem contextualizar diferentes ferramentas computacionais com objetivo de possibilitar a interação entre a prática e a fundamentação teórica criando possibilidades que enfatizem situações de aprendizagem, que contribua para o processo reflexivo e investigativo do sujeito na formação de seu conhecimento.

Segundo os autores Prado & Valente (2003) o desenvolvimento da aplicação do Letramento Digital pode se dar em três eixos que são: 1 - Desenvolvimento de oficina de ferramentas computacionais; 2 - Atividade prática; 3 - Embasamento teórico.

1 - Oficinas de Ferramentas Computacionais.

Nestas oficinas podem ser trabalhados softwares que melhor atendam as necessidades dos indivíduos envolvidos no Letramento Digital. A operacionalização deste recurso pode ser dada por meio de um encadeamento de atividades que potencialize a compreensão pelos indivíduos envolvidos na oficina das possibilidades de aplicação destes programas nas atividades do cotidiano.

2 - Atividades práticas

Estas ações podem ser desenvolvidas através da reflexão e da análise do processo de uma nova contextualização, daquilo que foi abordado nas oficinas. Logo é necessário trabalhar a realidade dos indivíduos envolvidos no processo, para que de alguma forma esta possibilidade do mundo digital venha fazer sentido para eles.

3 - Embasamento Teórico

Tem como fundamento a compreensão do conhecimento prático pelos sujeitos envolvidos no processo de Letramento Digital. Uma vez que, é necessário relativizar e recriar uma nova abordagem do conhecimento em diversas situações do cotidiano, em que se aplique o uso da tecnologia digital.

5 - Considerações Finais

A tecnologia digital está presente em todos os setores da sociedade seja na produção de bens, no comércio, nas instituições, na política e agora tenta penetrar na escola através do Letramento Digital como forma de propor uma educação atualizada, que possibilite os alunos se tornarem sujeito deste novo momento da tecnologia digital. Segundo Andrade (2003, p. 81):

A escola não pode ignorar o que se passa no mundo. A introdução da informática na escola significa levar até a escola mudanças que estão ocorrendo na sociedade, possibilitando um novo modo de realizar a educação. As novas tecnologias – o computador, a internet – podem enriquecer a mediação pedagógica e oportunizar a mudança de paradigma educacional, o qual não diz respeito nem às tecnologias nem quem é o centro da educação (aluno ou professor), mas à aprendizagem.

A escola tem urgência em adquirir os benefícios do Letramento Digital, uma vez que os alunos fora da escola são atravessados pelo mundo tecnológico, seja em casa ou na rua. Então a escola deve estar preparada para dar continuidade a este convívio com a tecnologia digital que o aluno tem fora da escola. Esta instituição de ensino deveria funcionar como ponto de encontro de outras mídias, e também como organizadora de entendimento deste mundo de possibilidade que é a informática, tornando o ambiente escolar cada vez mais interessante para o aluno. Ainda assim, possibilitando formar cidadãos preparados para usufruir e transformar em benefício as ferramentas propostas pelo mundo digital.

Referências

ANDRADE, Pedro Ferreira de: **A Prendendo por Projetos, Formar Educadores**. In VALENTE, José Armando: **formação de Educadores para o uso da informática na Escola**. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação verbal**. Tradução por: Paulo Bezerra. 4ª Ed. SP: Martins Fontes, 1992.

_____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BRISOLA, Maria Elizabete & VALENTE, José Armando: **A Formação Na Ação do Professor Uma Abordagem Na e Para Uma Nova Prática Pedagógica**. In VALENTE, José Armando: **formação de Educadores para o uso da informática na Escola**. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 2003.

CADENA, Nelson. **O impacto da máquina de escrever nas redações**. In: <<http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1>> acesso em julho de 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DIMENSTEIN, Gilberto (1956). **Aprendiz do Futuro: cidadania hoje e amanhã** / Gilberto Dimenstein; Alexandre Le Voci Sayad, colaborador. 10º ed. São Paulo: Ática, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

HALBWACHS, Maurice (1877-1945). **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

MARTINS, Francisco Menezes & SILVA, Juremir Machado da Silva (orgs). **A genealogia do Virtual: comunicação, cultura e tecnologia do imaginário**. Porto Alegre: Sulina. 2004.

MONARCHA, Hellen et NEVES, Ivânia. Possibilidades da Recepção Ativa na Internet: Sobre Redes e o Povo Indígena Aikewára. In **Simpósio em Tecnologias Digitais e Sociabilidade/ UFBA 2011** <http://gitsufba.net/simposio/wp-content/uploads/2011/09/Possibilidades-da-Recepcao-Ativa-na-Internet-sobre-redes-e-o-povo-indigena-Aikewara-MONARCHA-Hellen-SANTOS-Ivania.pdf> . Acesso em 29/09/2011 às 10h

PEREIRA, João Thomaz. Educação e Sociedade da Informação. In: COSCARELLI, Carla Viana e Ribeiro, Ana Elisa (Orgs.). **Letramento Digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

SOARES, M. **Letramento: como definir, como avaliar, como medir**. In: SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998a, p. 61-125.

KLEIMAN, A. Ação e mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. (Org.). **Alfabetização e letramento: perspectivas lingüísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998, p. 173-203.

VALENTE, José Armando: **formação de Educadores para o uso da informática na Escola**. Campinas, SP: UNICAMP/NIED, 2003.